

Narrativas Multimodais na Comunicação Intercultural

Análise da série *Anne With an E*



Licenciatura em Assessoria e Tradução
Comunicação Intercultural
Doutora Clara Sarmiento
Beatriz Magalhães Martins
2180389 | R21D

Porto, abril de 2020

P.PORTO
ISCAP

Índice

Introdução.....	3
Sinopse	5
Noção de Cultura	7
Conceito de Cultura	8
Cultura e a comunicação intercultural.....	9
Significados, Práticas e Códigos Culturais	15
Práticas e códigos culturais	16
As diferentes práticas e seus significados em <i>Anne With an E</i>	18
A coexistência de diferentes significados	21
Poder na Cultura	22
A influência do poder na cultura	23
Questões de género na cultura em <i>Anne With an E</i>	24
Questões raciais na cultura em <i>Anne With an E</i>	27
Questões religiosas em <i>Anne With an E</i>	28
Considerações Finais	30
Conclusão	31
Referências Bibliográficas	33
Referências bibliográficas	34

Índice de Figuras

FIGURA 1- "SEREMOS IGUAIS E COMPANHEIROS, NÃO APENAS MARIDO E MULHER"	6
FIGURA 2- "HOUE IMENSA CONVERSA CIVILIZADA SOBRE A EDUCAÇÃO E REFORMAS SOCIAIS DAS MULHERES"	9
FIGURA 3- VESTES TRADICIONAIS DAS CRIANÇAS DO SEXO FEMININO	11
FIGURA 4- TRADIÇÕES DE NATAL	12
FIGURA 5- SEBASTIAN E MARY, A SUA ESPOSA.	13
FIGURA 6- ANNE SHIRLEY E KA' KWET	14
FIGURA 7- ANNE SHIRLEY E DIANA BARRY E AS SUAS VESTES.	18
FIGURA 8- O ASPETO DE ANNE SHIRLEY	20
FIGURA 9- "NÃO ESTOU PREPARADA PARA SER UMA MULHER!"	24
FIGURA 10- MISS STACY E O SEU VESTUÁRIO COMUM	25
FIGURA 11- "TÊ-LO DE VOLTA? ELE NÃO É UM BOM RAPAZ."	26
FIGURA 12- "AS MULHERES VALEM POR SI MESMAS, SEM QUALQUER RELAÇÃO A UM HOMEM."	26
FIGURA 13- KA'KWET E O SEU CORTE DE CABELO "CIVILIZADO"	29

Introdução

No mundo atual, caracterizado pela curiosidade de atravessar oceanos, escalar montanhas e percorrer caminhos infundáveis, as sociedades são indiscutivelmente mais diversas em muitos aspetos, do ponto de vista social, económico, político, linguístico e cultural.

No entanto, a comunicação intercultural não é algo que se cinja às sociedades do século XXI, nem tão pouco apareceu com a globalização massiva que temos vindo a viver. A vasta cronologia do passado e a história da humanidade revelam que a comunicação intercultural sempre existiu com guerras entre tribos, subjugação e repressão de povos, expansão de impérios, entre muitos outros exemplos (RIO e LEITE, s.d.).

Posto isto, a evolução de competências para contactar e comunicar com culturas distintas da que nos é familiar tem vindo a adquirir, conseqüentemente, uma maior relevância atualmente. É obsoleto acreditar que basta saber todas as palavras e toda a estrutura gramatical para se ter conhecimento da cultura de um determinado local. É necessário ter uma melhor compreensão sobre as culturas e como navegar entre elas. Caso contrário, somos expostos aos estereótipos, às categorizações, aos padrões e ao que nos é cimentado e enraizado na nossa estrutura de pensamento.

Assimilamos, portanto, a ideia de que a cultura deixou de ser algo estático, estagnado ou imutável, mas sim fluida, dinâmica e progressiva.

É imperativo absorver que o nosso conhecimento de uma cultura, a maioria das vezes, é baseado naquilo que vemos, como monumentos, as vestes e os comportamentos. Ao fim ao cabo, a cultura visível e observável, sustentado pelas noções explícitas e que podem facilmente mudar.

Contudo, o que efetivamente se apresenta como valores fundamentais está presente na essência, nos valores, nas crenças e na estrutura de pensamento de uma cultura. Estes influenciam a forma como nos comportamos e agimos, ou seja, a cultura que não é observável à primeira vista. Aliás, é subconsciente ao nosso ser, já que não estamos cientes constantemente que tal processo acontece, apenas é aceite numa determinada cultura pelos membros que se consideram ser parte da mesma.

Deste modo, no presente trabalho, no âmbito da unidade curricular de Comunicação Intercultural, lecionada pela docente Clara Sarmiento, irei abordar os diferentes aspetos relacionados com o tema da interculturalidade, bem como a comunicação e o diálogo adjacente.

Os grandes objetivos da realização deste trabalho consistem em expandir os conhecimentos sobre as temáticas supracitadas e complementar as informações aprendidas em contexto sala de aula. Além disso, pretendo desenvolver a capacidade de executar autonomamente o trabalho e aprofundar as capacidades de investigação, além da exploração de questões que afetam o nosso mundo atualmente.

Acrescentando a forma como o passado é a fonte de conhecimento e saberes para os comportamentos futuros.

Imensas são as formas de observar a forma como a comunicação intercultural está presente em tudo o que fazemos, ingerimos e consumimos. Neste caso, decidi escolher uma série denominada de *Anne With an E*, como forma de explorar criticamente todos os assuntos relacionados com a cultura.

A razão pela qual optei por este documento audiovisual foi essencialmente a relevância e pertinência das temáticas abordadas ao longo das três temporadas, que coincidem com o conteúdo da unidade curricular. Após a visualização na íntegra da série, constatei que efetivamente seria importante aprofundar criticamente tudo o que a envolvia, já que é um exemplo notório de como a cultura é a base de todas as nossas ações, sejam elas positivas ou negativas, dos nossos princípios e pensamentos.

Será imperativo responder às duas grandes questões que este trabalho implica, como “De que forma a cultura tem impacto no nosso comportamento?” e também “Será que a cultura é a justificação para ações repressivas perante outros seres humanos?”

No que toca aos suportes para a realização e execução do trabalho, estes serão documentos académicos, bem como artigos *online* sobre a série e sobre as questões da unidade curricular. Além disso, terei como suporte alguns livros, estando referidos nas Referências Bibliográficas.

Quanto à estrutura do trabalho, em primeiro lugar, executar-se-á uma breve sinopse da série, como o enredo, as influências, a temática e a razão pela qual foi produzida.

De seguida, desenvolverei os seguintes aspetos, do que abordarei em primeiro lugar para aquele que abordarei por último, respetivamente:

- Noção de Cultura;
- Significados, Práticas e Códigos Culturais;
- Poder na Cultura;

Estes pontos traduzem-se não só numa explicação e contextualização breve do que foi lecionado na unidade curricular, mas também da forma como estes temas se enquadram na série que foi eleita. Optei por escolher estes três temas principais, uma vez que acredito serem os mais significativos e imprescindíveis para a execução do trabalho.

Por fim, irei elaborar uma conclusão crítica sobre todo o processo de análise da série *Anne With an E*, respondendo às duas questões e também de que forma os objetivos foram cumpridos, no desenvolver deste trabalho. Além disso, as dificuldades e métodos para as superar.

Sinopse

Anne With an E é uma série canadense, a qual se estreou na plataforma *Netflix* no dia 19 de março de 2017. A série de romance conta apenas com três temporadas, sendo a última lançada a 3 de janeiro de 2020. *Anne With an E* foi uma série realizada pela escritora e produtora Moira Walley-Beckett. Esta série baseou-se e inspirou-se no livro “*Anne of Green Gables*” (1908), de Lucy Maud Montgomery.

Lucy Maud Montgomery apoiou-se em anotações que tivera escrito enquanto jovem, quando testemunhou a história que posteriormente viria a retratar no seu livro, bem como as próprias aventuras e experiências de infância no século XIX, no mundo rural na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá.

Embora Lucy Maud Montgomery tivesse uma paixão imensa por literatura, a verdade é que vários dos seus textos e obras foram rejeitados por diversas vezes. Apesar disso, persistiu até ver uma das suas maiores obras – “*Anne of Green Gables*” – a ser publicada pela editora Page Company, em Boston.

Ainda que o enredo e o argumento da história original esteja bastante presente na série, Moira Walley-Beckett tomou a iniciativa de criar cenários e personagens que não se encontram no livro original, no qual se apoiou para a criação da série.

Anne With an E situa-se no ano de 1890, no século XIX, na Ilha do Príncipe Eduardo e retrata a história de uma menina chamada Anne Shirley, órfã de treze anos, que após viver o terror em múltiplos orfanatos com pessoas malévolas, finalmente encontra o seu lar em Avonlea (comunidade fictícia), mais precisamente em Green Gables. Local onde, na época retratada, a forma de rendimento se baseava no setor primário, na agricultura e criação de gado.

O facto de se viver à mercê do que a terra dava explicava o motivo pelo qual os irmãos Marilla e Matthew Cuthbert pretendiam adotar uma criança do sexo masculino. Esta criança seria necessária para ajudar no estábulo e na quinta, já que Matthew se encontrava algo debilitado. Logo, esta adoção não seria para satisfazer qualquer vontade ou desejo dos irmãos Cuthbert de serem pais ou terem crianças.

No entanto, devido a um engano do orfanato, Anne Shirley foi a criança enviada para ir viver com Marilla e Matthew. Embora inicialmente rejeitassem a ideia de ter uma menina e o quão inútil tal ato seria, já que esta não ajudaria nos trabalhos árduos para a qual seria necessária, os irmãos Cuthbert aceitaram permanecer com Anne no seu lar e nos seus corações.

Anne tem longos cabelos ruivos e sardas, ou seja, possuía um aspeto bastante peculiar para o que era conhecido na cidade de Avonlea. Então, ultrapassa grandes obstáculos durante toda a sua

estadia, quer pela sua aparência quer pelo seu comportamento curioso e extravagante, além da sua curiosidade de aprender e obter mais conhecimento.

Anne Shirley não queria que lhe fossem limitadas as possibilidades enquanto mulher, isto é, lides domésticas, aprender etiqueta ou como cativar e manter um homem. Afinal, as crianças do sexo feminino eram ensinadas, desde cedo, a servir alguém e não a ser alguém.

Embora para Marilla toda esta nova perspectiva de vida lhe fosse ousada e distante, esta não prendeu Anne Shirley, dando-lhe a oportunidade de ir à escola, como todas as outras crianças, ainda que fosse mais velha que os restantes alunos, e até prosseguir para a faculdade.

De facto, a série *Anne With an E* não se foca apenas no romance, pelo contrário, são retratados e mencionados diversos temas controversos para a época em que se insere, tais como o feminismo, *bullying*, educação, inclusão social, racismo, preconceito, conceito de família, sentimento de pertença e identidade.



Figura 1- "Seremos iguais e companheiros, não apenas marido e mulher"

Noção de Cultura

Conceito de Cultura

A população era alvo das reflexões, mas não interlocutora da discussão (Mattos, Martins, Squeff, Tacca. “O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil”, p. 11, 2010)

O conceito de cultura é um tópico de estudo que remonta a épocas distantes e que, como tal, tem a sua noção e definição como alvos de uma evolução e transformação. Esta noção torna-se fundamental no estudo não só da sociedade atual, como também de tempos passados. Além disso, é crucial para a análise da forma como as culturas interagem, funcionam e regulam os intervenientes nela inserida, assim como as eventuais alterações nestes comportamentos ao longo da história, caracterizando assim a mutabilidade do conceito de cultura.

De facto, a forma como este conceito é compreendido por cada sociedade, dita inúmeras vezes a forma como os indivíduos se percebem uns aos outros. A noção de cultura pode ser interpretada de múltiplas maneiras, muitas de tal forma ajustadas a diferentes realidades, que conseqüentemente são capazes de criar significados distintos.

A noção de cultura já integrou aquilo a que se chama “cultura erudita” ou denominada de “superior”, isto é, um conjunto de práticas e produtos culturais que estava assente e à disposição da elite social, como música, literatura ou outro tipo de arte aristocrática. Perante estes fatores, agrega-se o valor monetário aos bens culturais e também um maior nível de instrução. Logo, assumia-se que a “cultura” não estava disponível para todos aqueles que compunham a sociedade de determinado local.

No entanto, a cultura deve ser definida não só pela considerada “cultura superior”, mas também pelos restantes elementos que a compõem e que a definem, várias formas de vida no seu todo (SARMENTO, 2015: 26).

Se pensarmos em cultura como uma civilização, teremos de falar ainda sobre os conceitos de “civilizado” e “selvagem” que remetem para algo “superior” e inferior”, respetivamente (SARMENTO, 2015: 26).

Estes conceitos foram resultado do imperialismo. Os ditos superiores teriam, então, de levar a sua cultura “superior” àqueles que, pelo contrário, não a possuíam. Esta dicotomia sugeria que as elites teriam de partilhar e propagar o seu discurso civilizado e hierarquizado que procuravam estabelecer principalmente em locais onde a sua grande maioria da população eram indígenas, logo concluíam que estes não teriam em si nenhum tipo de interesse e necessitavam de lhes ser incutidos costumes e hábitos considerados adequados e apropriados.

Deste modo, propagava-se a ideia errada de ajuda a construir algo maior e melhor em povos que não teriam uma cultura enriquecida com o que era considerado correto. Este discurso difundia, ao fim ao cabo, ideias opressivas, desiguais e colonialistas.

Cultura e a comunicação intercultural

A questão supracitada da cultura, a forma como esta deve estar definida ou os elementos que lhe devem estar associados é algo bastante visível em *Anne With an E*, já que esta série demonstra o modo como uma cultura funciona por si só, bem como a forma como interage com outras.

Assim, observa-se a comunicação intercultural, ou seja, diferentes culturas em contacto. Quando é referido “diferentes culturas em contacto”, teremos de ter em conta que a cultura, sendo ela diferente, poderá ser a nível geográfico, mas também tempos cronológicos desiguais.

Desta forma, ao longo de toda a série, é possível ver confrontos sociais entre diversas personagens, onde existe igualmente comunicação intercultural.

O primeiro contacto intercultural existente é entre Anne Shirley e os irmãos Cuthbert. Nesse momento, ao pertencerem a duas gerações distintas, as ideologias eram também diferentes. Além disso, ao viverem numa pequena localização – Avonlea – os ideais conservadores que se partilhavam eram dificilmente modificados. No entanto, e por outro lado, Anne Shirley mantinha princípios futuristas e progressistas para a altura onde a história se desenrola, e mesmo tendo trabalhado toda a sua vida em orfanatos.

Anne Shirley com o desenrolar da série demonstra o seu lado feminista, algo assustador e ousado de expor no século XIX e este tópico é um dos que mais se dá ênfase quando se trata da relação entre Anne e Matthew e Marilla Cuthbert. O papel redutor da mulher na sociedade era algo que indignava Anne, mas não todas as crianças. A verdade é que tanto adultos como crianças aceitavam a forma como a mulher era vista pela sociedade. Anne Shirley considerava-se tão ou mais capaz de ajudar Matthew nas suas tarefas, chegando mesmo a aborrecer-se quando contrataram um pequeno rapaz para completar essas tarefas.



Figura 2- "Houve imensa conversa civilizada sobre a educação e reformas sociais das mulheres"

Marilla e Matthew, ainda que com alguma resistência conservadora, com o passar do tempo, aceitaram as ideias excêntricas e revolucionárias de Anne. Inclusive, Marilla apercebeu-se que, afinal, queria ter uma voz na sociedade e, principalmente, que merecia tê-la.

Algo pertinente de relatar é o modo como o contexto social e a história das personagens clarifica o seu comportamento perante as várias ocorrências. Por exemplo, Anne Shirley, por nunca ter tido a oportunidade de estudar antes de chegar a Green Gables, o seu maior desejo era ir para a escola e aproveitar essa chance de aprender. Ou, por exemplo, a forma imaginativa e algo infantil com que lidava com os problemas, algo que lhe apontavam como um aspeto negativo, vinha da forma de defesa pessoal, já que durante os seus treze anos foi maltratada em múltiplos orfanatos.

O contexto em que um indivíduo cresce e desenvolve dá significado ao comportamento, refletindo determinados valores, costumes e tradições, refletindo-se nas questões como o nível de educação, género e raça e como estas são vistas na sociedade e no quotidiano.

Assim sendo, encontram-se contrastes comportamentais entre Anne Shirley e os irmãos Cuthbert, mas também entre a Anne e as outras crianças. Os irmãos Cuthbert mantêm uma postura reservada e calma, devido ao seu contexto. Anne, por outro lado, mostra-se imaginativa e mais agitada.

Além disso, os contrastes ideológicos entre os Cuthbert e a população de Avonlea vão-se acentuando com a presença de Anne na vida e quotidiano de Matthew e Marilla, logo após a aceitação da estadia de Anne em Avonlea. Os irmãos Cuthbert foram julgados por aceitar uma criança do sexo feminino e com uma aparência fora do comum: ruiva, com sardas e magra.

Anne With an E critica o modelo de “família tradicional” e expõe o terror dos sistemas de adoção. Anne é adotada pelos Cuthbert, casal de irmãos idosos e sós, e tal situação é criticada pelos cidadãos de Avonlea.

Ainda que com todos juízos de valor feitos, são criadas conexões que fazem esquecer e até desaprender o conceito comum de família na comunidade de Avonlea. Todas estas pequenas transformações que se sucedem numa comunidade, refletem mais à frente um progresso e um desenvolvimento cada vez maior. É desta forma que a os valores fundamentais de uma cultura se vão alterando.

Em *Anne With an E*, os principais valores da cultura de Avonlea são bastante conservadores se compararmos com os tempos de hoje, no entanto também já o pareciam para Anne Shirley. A formação para criticar o que é diferente dos adultos é transmitida para as crianças igualmente, logo aceitavam aquilo que lhes era incutido, enfatizando a ausência de qualquer pensamento crítico e individual. Por este mesmo motivo, Anne Shirley sofreu de diversos preconceitos e julgamentos.

O sexismo, a discriminação racial e a imposição da religião são assuntos bastante presentes em todo o desenrolar da história e na cultura que irei abordar mais à frente neste trabalho na questão da Cultura e Poder.

De seguida, quando se fala de uma cultura, terá de se abordar também os aspetos mais superficiais, como as vestes, as formas de rendimento e as tradições.

No século XIX, no Canadá, onde decorre a série, as mulheres eram obrigadas a usar vestidos ou saias compridas, mesmo que não fosse uma vontade própria. As crianças do sexo feminino teriam de usar vestidos abaixo do joelho, poderiam usar cachecóis e outros acessórios. No entanto, e consoante um maior estatuto monetário, eram utilizados mais acessórios, melhores tecidos, bem como diferentes cores.



Figura 3- Vestes tradicionais das crianças do sexo feminino

Ao analisar uma cultura é necessário perceber igualmente a sua economia e as suas fontes de rendimento que tornavam uma família mais ou menos poderosa monetariamente.

Anterior à colonização europeia, o Canadá já tinha como uma das formas de rendimento a pesca. No entanto, com o avançar dos europeus, a fundamental fonte era a caça e o comércio das peles. Os europeus comercializavam e executavam trocas na região com as tribos indígenas, embora parte da população preferisse caçar diretamente os animais e vender à Europa.

Durante o século XIX, a economia do Canadá girava em torno do setor primário, com a agricultura, pecuária e mineração. Sendo que a caça viu os seus níveis a reduzirem drasticamente. Nos inícios do século XX, algumas cidades passaram por um processo de industrialização, que as levou a ter outras fontes de rendimento além do setor primário, com centros industriais e bancários.

As tradições, tais como as festividades do Natal e da Páscoa, por exemplo, são também alvos de pesquisa, já que estas são também parte integrante de uma cultura. Em *Anne With an E* estas duas festividades são celebradas, o que comprova a presença católica em Avonlea.



Figura 4- Tradições de Natal

Em Avonlea, a tradição de oferecer presentes, ainda que meramente simbólicos, mantinha-se, bem como a construção da árvore de Natal. Conforme as possibilidades financeiras de cada personagem, estas obteriam mais ou menos presentes ou uma mesa mais ou menos recheada.

A Páscoa foi também, como já referido, uma festividade apresentada na série. No entanto, poderá dizer-se que foi realizada de forma peculiar, já que foi o momento escolhido para criar uma relação pacífica entre duas raças diferentes, com a morte de Mary, uma mulher negra. Todos apareceram para que fosse honrada o seu falecimento, deixando de parte a questão racial.

Ao mencionar a cultura e a forma como esta é definida na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá, terá de se falar ainda as diferentes culturas que apareceram ao longo da série. Embora o assunto esteja melhor enquadrado na secção de Cultura e Poder, é relevante apontar que a presença de membros pertencentes a outras culturas influencia as ações dos cidadãos de Avonlea.

Podemos indicar situações onde se observou a comunicação intercultural. Em primeiro lugar, a apresentação de Sebastian, um homem negro. A sua primeira aparição foi em contacto com Gilbert, jovem com origem em Avonlea.



Figura 5- Sebastian e Mary, a sua esposa.

Ainda que este jovem não tenha tido qualquer preconceito perante Sebastian, a verdade é que este sofreu de vários preconceitos e inferiorização na sua estadia na terra de Gilbert por parte de outros residentes. Este acontecimento revela, então, o conservadorismo da sociedade de Avonlea, bem como a discriminação perante a diferença.

As ações repressivas diante de uma personagem de raça negra demonstram a mentalidade racista e essencialista da sociedade geral de Avonlea. O essencialismo pressupõe que um determinado grupo é reduzido a um conjunto intrínseco de características imutáveis, em contraste a um outro grupo (SARMENTO, 2015: 45). Assim sendo, é claro identificar que tal foi utilizado para a inferiorização deste grupo social, onde se integrava Sebastian, onde a raça branca exercia uma soberania e supremacia sobre este grupo de raça negra, sem que qualquer ação fosse questionada, vista como um dogma social.

Outro episódio onde se verificou a comunicação intercultural e também a discriminação e o imperialismo foi no aparecimento de Ka'kwet, menina indígena que se tornou amiga de Anne, e todo o povo Mik'maq. Esta menina foi atacada pela comunidade, obrigando-a a converter-se ao sistema educacional e ao perfil apropriado da época, também mencionado mais à frente em *Cultura e Poder*.

Todas as informações recolhidas a partir da série *Anne With an E*, e embora bastantes episódios fossem acrescentados na realização da mesma em 2017, a base factual dos acontecimentos em relação a outros grupos está presente. Assim sendo, foram expostos os vários elementos que constituem e caracterizam a cultura de Avonlea.

Analisou-se não só a cultura interna, como também a externa. A cultura superficial é aquela que compila as vestes, as tradições e todos os aspetos visíveis de uma cultura. Por outro lado, a cultura interna compreende os elementos que não são visíveis, estando enraizado e inculcado em determinada cultura, como crenças, valores e os princípios que conduzem e organizam uma sociedade.



Figura 6- Anne Shirley e Ka' kwet

Significados, Práticas e Códigos Culturais

Práticas e códigos culturais

A cultura é o modo avançado de se estar no Mundo, ou seja, a capacidade de se dialogar com ele. (Ferreira, Virgílio, Conta-Corrente IV, 1986)

Os estudos culturais trazem em si um carácter interdisciplinar que investiga os modos de criação e produção de significados nas práticas sociais e culturais e a forma como estes se difundem e propagam nas diferentes sociedades (JOHNSON, 2006).

Nos códigos culturais (HALL, 1997) compreendem-se os atributos comuns (WILLIAMS, 1958) que auxiliam no processo de assimilação e percepção de uma determinada cultura, ou seja, os comportamentos, a língua, formas de viver, entre outros. Estas práticas e significados são a informação que é veiculada para identificar e definir uma cultura. Estes elementos ajudam na compreensão das respostas comportamentais dos membros que a integram, estando muitas vezes imagens e características associadas a um leque de estereótipos face a um grupo (HALL, 1997: pp. 4-5).

Segundo Raymond Williams (WILLIAMS, 1961: p.57), e tal como lecionado em aula, “ (...) *a cultura é um sistema de significados e ideias* (...) ”. De facto, o significado de determinado comportamento realizado por uma cultura é o significado que esta lhe atribui, isto é, a um signo é transmitido um sentido. O signo é a representação de algo a que atribuímos algum tipo de sentido ou significado e esse mesmo significado consiste na compreensão de algo, onde é construída e ideia entre “nós” e os “outros”.

Raymond Williams aponta igualmente que a cultura, além de arte e conhecimento, inclui também os comportamentos comuns do quotidiano (WILLIAMS, 1961: p.57). Ao contrário do que Matthew Arnold havia dito anteriormente sobre a definição de cultura, sendo que esta era “ (...) *o que de melhor se sabe do mundo* (...) ” (ARNOLD, 1869), possuindo uma posição elitista, estende-se assim uma nova definição mais extensa e abrangente.

Esta distinção entre práticas de diferentes culturas resultam em ideias mais positivas em relação à cultura em que estamos inseridos e que nos é familiar, enquanto a “do outro” nos parece sempre mais “estranha”, distante e pouco natural. Estas conceções nem sempre têm como fundamento algum tipo de preconceito, no entanto conduzem a este processo humano involuntário de que as demais culturas são “piores” que a própria.

Posto isto, estabelece-se a ideia que cada cultura transfere certos significados às suas diferentes práticas. (HALL, 1997: pp. 4-5) Todavia, podem gerar-se confrontos aquando da coexistência de diferentes significados, onde esta tal “estranheza” se irá revelar e, por vezes, querer sobrepor-se à cultura que é divergente da nossa.

Nesse momento, a interculturalidade não estará presente, uma vez que este conceito traduz-se na interação de duas ou múltiplas culturas de forma pacífica e em harmonia. Além disso, nenhum dos grupos se deve encontrar acima de outro, o que favorece a integração e convívio entre as diferentes culturas.

As práticas e os códigos culturais que se inserem em determinada cultura estão dependentes da estrutura de pensamento que possuem, ou seja, a organização dos vários elementos que compõem e suportam os modos de ser de uma pessoa, bem como os elementos do meio ou cultura onde se insere. Quando se trata do conceito de “estrutura de pensamento” é facilmente confundido como algo rígido, estático e estagnado, no entanto este conceito agrega a ideia de mobilidade, onde existe margem de manobra para o progresso e evolução, seja esta em que direção for (SARMENTO, 2015: p.40).

É fundamental reconhecer a importância deste conceito no que toca às práticas significantes e códigos culturais, já que é o mesmo que nos permite que haja comunicação dentro de uma cultura e, conseqüentemente, a possível incompreensão de outra. A estrutura de pensamento existente numa cultura é o que facilita e possibilita o processo coletivo de perceber o mundo. Os valores inerentes a cada cultura são partilhados pelos membros da mesma.

Desta forma, a cultura é o fluxo dos significados, isto é, tal como referido anteriormente, o modo como estas práticas e códigos culturais se assumem, revelam e reconhecem nas diferentes sociedades ou grupos. Para além disso, são a partilha, intercâmbio e permuta dessas mesmas práticas dentro do meio onde se inserem, recorrendo a formas comuns de comunicação e entendimento (SARMENTO, 2015: p.39).

A cultura é, então, o resultado dos significados dados às práticas realizadas e executadas pelos agentes e atores sociais que se inserem num grupo e partilham valores semelhantes.

Desta forma, quando uma cultura partilha determinados conceitos, características, imagens e ideias que estão enraizadas na sociedade, ou seja, o “capital cultural” (BOURDIEU, 1977), é criado um sentimento de pertença por parte dos membros que a compõem. Este “capital cultural” define uma cultura, mas também é o que suporta a visão que temos das que são distintas da nossa.

As diferentes práticas e seus significados em *Anne With an E*

Perante a introdução ao tema realizada previamente, é possível observar inúmeros exemplos de como as práticas significantes e códigos culturais se propagam numa cultura e como estes são influenciados pelos atores sociais que têm um desempenho ativo na evolução da mesma, na série *Anne With an E*.

No século XIX, em Avonlea, a cultura não era percebida como a conjugação do conhecimento e do cotidiano comum. Pelo contrário, a sua definição e o próprio conceito eram relacionados com a franja elitista da sociedade. Aliás, os membros da sociedade com mais posses eram aqueles que ditavam toda a organização da sociedade, normas de conduta e até mesmo preconceitos. Além disso, determinavam e estabeleciam o que era considerado ou não cultura, bem como desprezavam aquilo que não se integrava nos seus ideais.

Embora a sociedade fosse percebida de tal forma, a verdade é que esta tem de ser analisada também pelos comportamentos comuns do quotidiano, os quais manifestam significados. Os elementos podem ser categorizados como materiais/físicos, tais como vestuário e símbolos de estatuto, ou como abstratos, como sexo, religião, família ou beleza, por exemplo (SARMENTO, 2015: p.36).

No que toca ao vestuário, uma das formas de analisar em *Anne With an E* é ao comparar as vestes entre Anne Shirley e as restantes crianças originárias de Avonlea. Aquando da sua chegada a Avonlea e presença na escola, Anne sofreu de variadíssimos juízos de valor devido às suas vestes. Anne Shirley, ao contrário das outras crianças, não tinha roupa da moda e, devido a isso, sofreu de *bullying*.

A moda e o vestuário em si são práticas significantes, já que os atores e agentes sociais de cultura são aqueles que definem o que é certo e errado, o que é moda e o que não é.



Figura 7- Anne Shirley e Diana Barry e as suas vestes.

Por outro lado, outra forma de avaliar e analisar o vestuário na série é o modo como o gênero de um indivíduo interfere com a roupa que tem oportunidade e liberdade de utilizar. Na série *Anne With an E* as mulheres eram quase obrigadas a usar vestidos ou saias que cobrissem o corpo até ao que era considerado apropriado para uma mulher e uma criança. Com a presença da nova professora de Anne Shirley e as restantes crianças, Miss Stacy, o ambiente em Avonlea sofreu grandes alterações, já que esta mulher se ousava a vestir calças, uma prática quase ofensiva para a comunidade mais conservadora.

Aqui está presente um exemplo impactante de como o vestuário pode exprimir tantos significados, diversas vezes visto com preconceito. Miss Stacy, ao utilizar as calças, transmitia liberdade, coragem e também ousadia.

Cada cultura cria os seus próprios significados para as suas práticas e, ao fim ao cabo, o que distingue uma pessoa de estatuto superior e outra de um nível considerado inferior, em Avonlea? A verdade é que símbolos de estatuto também são dependentes da cultura, pois sem tal dependência, não trazem em si nenhum significado. Em Avonlea, a riqueza era manifestada através de ornamentos nas peças de roupa e habitação, bem como no tipo de meio de transporte que utilizavam.

O que conferia às pessoas de Avonlea algum tipo de estatuto eram os vestidos com ornamentos caros, fatos de tecidos requintados e mobílias com muitos trabalhados e banhos de ouro. Além disso, até o meio de transporte podia conceder mais ou menos prestígio, consoante o maior ou menor nível de desenvolvimento da carruagem puxada por cavalos, respetivamente. O estatuto era atribuído àqueles que andassem em melhores carruagens, com mais espaço e cobertas.

Se tratarmos dos elementos abstratos que transmitem significados às práticas de uma cultura, podemos então abordar os comportamentos adequados para o sexo feminino. Uma mulher, no século XIX, na cidade Avonlea, teria de se comportar de uma forma reservada, calma e passiva face ao sexo masculino, não poderia exceder-se em nenhum assunto e teria de cumprir regras de etiqueta. As crianças do sexo feminino, desde cedo, são educadas a praticar algum instrumento e o seu objetivo de vida teria de ser obrigatoriamente encontrar um bom marido que a pudesse sustentar.

As mulheres deviam, portanto, cingir-se ao que lhes competia e nada mais que isso. Não deviam nem tão pouco ousar a sair dos padrões. Mesmo o pouco progresso que existia em Avonlea, na associação de “mulheres progressistas”, era bastante limitado e preconceituoso em vários aspetos perante as mulheres.

Durante toda a história, foi retirada à mulher a liberdade de escolha, qualquer que essa opção fosse, no entanto este tópico será abordado mais à frente no presente trabalho no capítulo da “Cultura e Poder”.

A beleza é igualmente um conceito com um significado que varia de cultura para cultura. Em Avonlea, devido à escassa variedade de aspetos físicos e a ausência de pessoas como Anne Shirley, esta criança durante toda a sua estadia em Green Gables foi excluída dos padrões de beleza.

Anne era uma criança ruiva, com sardas e magra e era vista como algo estranho por várias pessoas na comunidade. Esta distância que mesmo Anne Shirley sentia em relação a si e as outras meninas, fez com que quisesse mudar e transformar o seu aspeto várias vezes no desenrolar da série, ao tentar assemelhar-se com o padrão de beleza exigido em Avonlea. Anne Shirley mostrou-se desvalorizada, quer por ela quer pelos restantes membros de Avonlea, até por Marilla Cuthbert.



Figura 8- O aspeto de Anne Shirley

Tal como estes assuntos são dependentes da cultura em que se inserem, também o conceito de família é relacionado com a cultura. Em Avonlea, tal como em diversos locais no século XIX, o conceito de família é limitado ao que consideramos ser o padrão: um pai, uma mãe e filhos. O facto de os irmãos Cuthbert terem adotado Anne sem qualquer intenção laboral, chocou todos aqueles que os conheciam, já que as crianças eram muitas vezes adotadas para que ajudassem em casa e nas tarefas laborais. Assim, e a partir deste momento, o conceito de família evoluiu completamente e este código cultural foi, por conseguinte, ganhando um novo significado e sentido.

Conclui-se que as práticas e os códigos sociais e culturais podem ser modificados ao longo do tempo, através de diferentes realidades a entrar numa determinada cultura. Esta mutação de significados para cada prática é o que efetivamente faz com que uma cultura progrida e se transforme.

A coexistência de diferentes significados

Como já foi referido anteriormente, a coexistência de significados distintos num determinado plano cultural pode resultar em conflitos entre indivíduos, pois há uma enorme complexidade na compreensão da existência quer de práticas diferentes quer de diferentes significados para as mesmas práticas.

Um dos exemplos aplicados em *Anne With an E* é o comportamento e as vestes do povo indígena. Na série é possível ver o aparecimento de um povo indígena, o qual possui os seus hábitos, costumes, vestes e estrutura de pensamento. Embora não se apresentassem como semelhantes aos habitantes de Avonlea nem tivessem o mesmo tipo de conhecimento, nada disso devia invalidar a sua cultura e, conseqüentemente, os seus saberes.

Em *Anne With an E*, a sociedade conservadora de Avonlea difamava a cultura desse grupo, meramente por se apresentarem de forma distinta dos restantes membros de Avonlea.

Por um lado, o comportamento deste povo e do povo de Avonlea era completamente diferentes e, embora algumas práticas fossem semelhantes, os significados das mesmas não o eram. As crianças indígenas aprendiam, tal como crianças de Avonlea, como Anne Shirley, no entanto aprendiam diferentes matérias. Se por um lado, Ka'kwet aprendia como fabricar determinadas peças com madeira que apanhavam na floresta e como cozinhar animais selvagens, Anne Shirley, na escola e em casa, aprendia ciência e como cozinhar diversos bolos.

Por outro lado, as vestes “invulgares” de Ka'kwet traziam à cidade de Avonlea um grande alvoroço, já que os membros pertencentes dessa sociedade consideravam que tal não devia ser aceite por eles, já que os indígenas não eram “civilizados” e necessitavam de mudar a sua vida, em função da realidade onde se inseriam – cidade de Avonlea.

Esta intolerância ao que lhes era distante, além de gerar conflito com os ideais progressistas de Anne Shirley, fez com que muitos acontecimentos se realizassem ao longo da série *Anne With an E*, que irei relatar no capítulo “Cultura e Poder”.

Poder na Cultura

A influência do poder na cultura

Como tenho vindo a desenvolver ao longo do presente trabalho, a cultura abrange em si, não só a perspetiva de “civilizado” e “selvagem”, como também “quem domina” e “quem é dominado”. Todas as culturas, desde a antiguidade até aos dias de hoje, partilham o lado estoico de um povo, as vitórias, as revoltas e revoluções. No entanto, quem são aqueles do lado penoso da história?

Poder é um termo lato, já que, além de ser a capacidade de deliberar livremente e de agir, é também, dependendo do contexto em que se insere, a liberdade de exercer a autoridade, domínio e superioridade. Desta forma, é fácil entender que todas as culturas têm em si uma categorização que envolve questões de poder.

A cultura gera, preserva, modifica e derruba os discursos através dos quais uma determinada sociedade ou grupo reconhece e valida o seu poder sobre os demais grupos existentes.

O poder pode apresentar-se de diversos modos, como *status*, influência, leis ou mesmo poder económico. Contudo, o que é que todos estes elementos têm em comum no que toca ao poder? O poder é ter liberdade. O poder inclui no seu tão lato termo a liberdade de agir, ser, expressar, vestir. Quem é detentor de poder tem a liberdade de categorizar, estereotipar, excluir ou incluir qualquer outra pessoa.

À vista disso, o poder é ter a liberdade e o poder, passo a redundância, de escolher. Todas estas liberdades mudam de cultura para cultura, raça, estrato social ou género.

A verdade é que o conceito de cultura será sempre moldado conforme as visões políticas de cada tempo, que conservam em si as respostas dos sistemas de poder. Respostas estas que *podem* abrir portas para a igualdade, liberdade e para o diálogo. No entanto, e pelo contrário, podem fomentar a repressão, a discriminação e a intolerância.

As estruturas de pensamento relacionam-se com as relações de poder, além da sua influência nas questões políticas, possuindo consequências visíveis na cultura.

Por consequência, as perceções que cada cultura, sociedade ou grupo tem sobre o que os rodeia, influenciará e terá implicações na forma como os membros se relacionam entre si e como se relacionam com quem não é membro do grupo onde se integram.

Como é sabido, existe um conjunto de elementos que dão a um grupo o sentimento de inserção, aceitação – as grelhas textuais ou culturais, isto é, todos os princípios que estão dentro de uma cultura, como provérbios, vestes, mitos, os quais estão tão enraizados na sociedade que já não são questionados, nem tão pouco notórios. Sejam estes elementos positivos ou negativos, são estes que fazem com que um indivíduo tenha um sentimento de pertença e identidade. No entanto, toda a história e “memória cultural” (CHAPMAN, EOYANG, 2005: pp.113-22) é ditada por aqueles que lhes foi dada uma voz.

A cultura é, então, quem atribui estes conceitos de “poderoso” e “silenciado” aos atores sociais do plano temporal e geográfico em que se inserem.

Questões de gênero na cultura em *Anne With an E*

Como referi anteriormente, em toda a história existem as vozes que se ouvem e as que são silenciadas e as mulheres fazem parte dessas vozes mudas presentes na série *Anne With an E*, retratada no século XIX, no Canadá.

A sociedade de Avonlea era considerada conservadora e, conseqüentemente, machista. As mulheres tinham o seu papel ativo na sociedade bastante limitado. O seu estatuto de mulher cingia-se às lides domésticas, ao código de conduta rígido. Além disso, não deveriam expressar de nenhum modo as suas opiniões, eram tratadas e vistas como objetos do sexo masculino, deveriam também manter as suas condições biológicas em segredo e ter como objetivo de vida casar um homem e servi-lo.

Embora nos pareça uma realidade estranha, ainda que nos dias de hoje tenhamos um tão enorme caminho a percorrer neste sentido, temos de ver tais comportamentos de acordo com o contexto, seja ele geográfico ou temporal e nunca ver com os olhos de presente.

Assim sendo, é inegável o poder que os homens têm sobre as mulheres na cultura de Avonlea, na Ilha do Príncipe Eduardo.

São vários os episódios que representam este machismo enraizado na sociedade, entre eles o desconhecimento de aspetos relacionados com a condição biológica e a sexualidade do sexo feminino, pois tudo o que envolva a mulher deve ficar apenas para ela e nunca partilhado.

Anne Shirley, com o aparecimento da sua primeira menstruação, com a falta de conhecimento existente, acredita que está a morrer e que todo aquele sangue significa que está com uma doença.



Figura 9- "Não estou preparada para ser uma mulher!"

Além desse episódio, existe um outro onde Anne Shirley partilha com as restantes crianças do sexo feminino as falsas informações de que a gravidez poderia acontecer caso um homem tocasse meramente na mulher, ainda que fosse um toque na face, ombro ou mão. As meninas presentes repugnam assim quaisquer informações passadas acerca da sua condição física e biológica enquanto mulheres. O que também se vê na série é a partilha das suas próprias histórias enquanto mulheres, confessando vários aspetos no que toca à menstruação, deixando de parte o tabu existente.

Outro episódio, que acho de enorme relevância partilhar, foca-se no facto de limitarem a voz das mulheres em assuntos políticos ou de cariz controverso. Em *Anne With an E* é bastante visível o distanciamento das mulheres na toma de decisões, no que toca à cidade onde habitam e onde têm um papel fundamental. Por as considerarem inferiores em qualquer disciplina que implicasse tomar uma posição em relação a algo, a sua presença nas reuniões era estritamente proibida.

Em relação a isto, fundamenta-se a ação para com a nova professora, Miss Stacy, dos habitantes do sexo feminino e masculino de Avonlea. O anterior professor ensinava toda a teoria e, pelo contrário, esta nova professora ensinava a prática das questões. Por isso, e devido à inferiorização da mulher, achavam o seu trabalho condenável e acreditavam que conduziam para a rebeldia dos jovens. Ao facto de ensinar de forma diferente, sendo mulher, juntava-se a sua ousadia no vestuário – utilizando calças em vez de vestidos ou saias compridas.



Figura 10- Miss Stacy e o seu vestuário comum

Por fim, a objetificação da mulher por parte dos membros masculinos de Avonlea, traz no seu peso machista, a crença de que as mulheres teriam de viver para o seu marido, seguindo regras de etiqueta para que estes ficassem satisfeitos com a sua prestação, enquanto sua esposa. Para além disto, trouxe consigo algo ainda mais grave: a banalização do assédio sexual. Uma das meninas de Avonlea foi assediada sexualmente pelo seu parceiro, no entanto, por vergonha, decidiu não falar sobre nenhum

tópico desse assunto. Enquanto o parceiro, por sua vez, comentou com todos os amigos boatos sobre o que teria feito com a rapariga.

O que se sucedeu após este acontecimento foi a aceitação, normalização e banalização deste ato de crueldade, por parte da mãe da vítima. A mãe da vítima aconselhou-a a não comentar o que quer que fosse, de forma a não manchar o nome da família e para que o casamento entre eles se mantivesse.

Mais uma vez, comprova-se a ideia de que a mulher tem de se silenciar, pois sofrerá julgamentos de todos, ainda que a mesma seja a vítima da ocorrência.



Figura 11- "Tê-lo de volta? Ele não é um bom rapaz."

Confirma-se, assim, a forma como a mulher era silenciada, bem como o modo como o poder exigido numa cultura pode afetar em tão grandes dimensões o papel do sexo feminino na sociedade, como deve agir, pensar ou comunicar.

Embora não se pense sobre isto, a verdade é que o machismo é também uma “arma de fogo” contra o sexo masculino, privando-os de muitas coisas a que deviam estar livres de ser, como ter acesso à sensibilidade ou à feminilidade. É demonstrado isto com um rapaz homossexual, o qual era agredido verbal e fisicamente pelo professor, já que este último sabia da sua orientação sexual e a forma como ele deliberadamente a mostrava, enquanto ele se retraía atrás de uma figura masculina viril.



Figura 12- "As mulheres valem por si mesmas, sem qualquer relação a um homem."

Questões raciais na cultura em *Anne With an E*

Como referi previamente neste trabalho, as questões raciais são um dos grandes focos da série *Anne With an E*. Na peça original, na qual a série se inspirou, não existiam as personagens de raça negra que integram a série, no entanto foram adicionadas para que fosse possível observar os comportamentos dos habitantes de Avonlea, no século XIX e XX, perante este tópico. Realçando assim o poder em questões raciais e em que o resultado é o racismo, discriminação e preconceito.

Gilbert Blythe, um jovem proveniente de Avonlea, foi o primeiro personagem da série a ter contacto com Sebastian, homem de raça negra. O que considero surpreendente neste encontro, ao contrário do que podíamos prever, foi a naturalidade com que comunicavam e coexistiam, já que Blythe vinha de uma cidade com valores conservadores.

Aquando da chegada de Sebastian a Avonlea, um dos habitantes da cidade iniciou uma conversa com Sebastian, onde sugeria que ele provavelmente estaria ali a tentar vender algo para que conseguisse ganhar a vida. Este homem quase o obrigou a fazer-lhe favores, meramente por ser negro.

Estas diversas ocorrências desenrolaram-se ao longo de toda a série. Sebastian, na preparação de uma peça de teatro, foi considerado pelos outros habitantes um mero “empregado”, o qual teria de servir os restantes intervenientes de raça branca.

Ao fim ao cabo, os habitantes de Avonlea repugnavam a sua estadia, pois questionavam-se como era possível aceitar homens ou mulheres de raça negra na tão imaculada Avonlea. Contudo, Anne Shirley teve um papel fundamental na aceitação da raça negra na sociedade e principalmente na cultura de Avonlea.

Anne Shirley sempre se manteve do lado bom da história, onde defendia a igualdade e a justiça perante qualquer tipo de pessoa e, neste caso, não foi exceção. Convidou Sebastian e Mary, a sua esposa, para terem uma refeição em sua casa. Por não achar relevante a cor da pele de Sebastian e Mary, não o pronunciou a Marilla – que ficou surpreendida e desconfortável com a presença do casal.

A convivência com Anne Shirley tornou os irmãos Cuthbert mais tolerantes perante a diferença, quer a nível de raças, géneros ou qualquer outro assunto controverso.

Mais uma vez, é demonstrada a forma como o poder condiciona a vida de um grupo dentro de uma sociedade ou cultura. Todos os seus movimentos, além de restritos, teriam de ser expectáveis, como se não pudessem agir ou pensar livremente. O poder é uma arma contra aqueles que não têm voz, não só em *Anne With an E*, mas em toda a sociedade comum e real.

Questões religiosas em *Anne With an E*

A religião ocupa um enorme espaço na cultura de Avonlea, na Ilha do Príncipe Eduardo, nos termos do século XIX e inícios do século XX.

Para que seja possível fazer a compreensão entre a religião e o poder exercido pela mesma na série *Anne With an E*, é necessário ter em conta a história real do Canadá.

As terras ocupadas pelo Canadá são habitadas há vários séculos por diversos povos nativos e, desde cedo, a Europa iniciou um longo processo de colonização nesse território. A colonização europeia iniciou-se no século XVI, quando os ingleses e franceses se apoderaram dessa localidade. Com o desenrolar da colonização, os britânicos autorizaram e permitiram que os franceses que mantivessem o seu código civil, no entanto condenou quaisquer mudanças a nível de religião e idioma – conservando-se a religião e Igreja Católica e a língua francesa.

A série engloba a comunidade Mi'kmaq, que foi um dos primeiros grupos de povos indígenas no Canadá. Estes povos possuíam costumes, crenças e hábitos distintos daqueles que eram conhecidos em Avonlea, além disso tinham o seu próprio idioma – *Algonquian*. A sua subsistência baseava-se na pesca e na caça, pois estes povos indígenas viviam num clima desfavorável para a agricultura e eram considerados seminómades.

O território, quer na ficção quer na realidade, foi a primeira parte da América do Norte em que os europeus exploraram para a extração de recursos. Desta forma, foram realizados diversos tratados para que colonizadores e estes povos aborígenes conseguissem manter uma relação pacífica. No entanto, e tal como aconteceu em múltiplos momentos da história, os colonizadores começaram a apoderar-se dos espaços que se encontravam na posse de outrem.

Embora o povo Mi'kmaq nunca tenha concedido as suas terras aos europeus, a verdade é que estes começaram a impor a sua soberania nestes territórios, ainda que não fossem constados em quaisquer tratados ou acordos.

Ao fim de vários anos, e após a aplicação de tratados através da força por parte do povo Mi'kmaq, os britânicos impingiram um novo modo de vida a este povo, bem como foram obrigados a enviar os seus filhos para escolas com costumes britânicos para a melhoria da sua educação.

E é neste momento que começa a discriminação perante a cultura de Ka'kwet, menina indígena, que se tornou amiga de Anne Shirley.

A menina indígena comunica com Anne dentro dos possíveis das limitações de idioma e confessa-lhe que possui uma enorme curiosidade em aprender inglês e estudar. Anne diz-lhe, então,

que deve seguir esse seu desejo e convencer os pais para que a deixassem ir para a escola para crianças indígenas, que supostamente as ajudaria a aprender inglês e algumas outras matérias.

Contudo, os métodos de ensino e de comportamento da escola religiosa (católica) são abusivos, pois pretendem fazer com que as crianças que a frequentam erradiquem das suas vidas a cultura de origem, para que tal dê espaço à cultura “civilizada”. Neste momento, existe quase um processo de aculturação quase obrigatório, em que lhe impunham uma cultura distinta da que pertencia.

Esta escola católica impõe o catolicismo às crianças, as quais são consideradas infiéis ou hereges, devido à sua crença politeísta de origem. Além disso, modificam os nomes dos jovens para que sejam integrados não só no vocabulário inglês, mas também para serem considerados “mais cristãos”. Cortam-lhes os cabelos, vestem-nos a todos com roupas cinzentas e iguais.

Nenhuma destas regras poderiam ser quebradas ou desrespeitadas, já que as crianças eram violentadas caso acontecesse, com o intuito de inculcar de estes novos modos de vida de forma natural e forçar-las a agir de forma “civilizada”.

Os pais de Ka'kwet (Hannah – nome inglês), após uma fuga falhada da sua filha, e consequente detenção, recorreram a Anne Shirley e a sua família para recuperar Ka'kwet. Ka'kwet, tal como muitas outras crianças, é subjugada a maus tratos por parte das freiras e do padre, estando impossibilitada de regressar a casa.



Figura 13- Ka'kwet e o seu corte de cabelo "civilizado"

Este assunto não está retratado no livro que deu origem à série *Anne With an E*, no entanto a produtora quis abordar esta temática da existência de um povo de nativos na Ilha do Príncipe Eduardo, uma vez que é possível realizar uma análise mais profunda do modo como os indígenas viviam naquela época. Para além disso, é um exemplo extraordinário para visualizar o poder que a religião pode ter em determinada cultura, e como esta pode silenciar vozes de quem não segue a maioria.

Considerações Finais

Conclusão

O que fez a espécie humana sobreviver não foi apenas a inteligência, mas a nossa capacidade de produzir diversidade (Couto, Mia, 2009, E se o Obama fosse africano? p.15)

Para que seja possível comunicar de forma integral com alguém proveniente de uma cultura distinta da nossa, seja em que contexto se encontre, é imprescindível que se tenham competências no que toca à comunicação intercultural.

Além disso, a comunicação intercultural está presente em todo o nosso quotidiano, desde o que vestimos, ao que consumimos e até ao que vemos na televisão ou internet. A verdade é que qualquer aspeto das nossas vidas tem algum tipo de contacto intercultural.

Desta forma, optei por analisar, aprofundar e explorar um documento audiovisual da plataforma Netflix – *Anne With an E* – série canadense, inspirada no livro “*Anne of Green Gables*”.

No presente trabalho foram abordados os seguintes temas – a noção de cultura, as práticas significantes e a influência do poder na cultura. Posto isto, conclui-se que a cultura está dividida entre interna e externa, o que é visível a olho nu e aquilo que está enraizado na sociedade, respetivamente.

Atribui-se, assim, significados às práticas de cada cultura, as quais possuem determinados significados, ou seja, todos os elementos que a constituem e que os membros aceitam inconscientemente e onde têm um sentimento de pertença e identidade.

Todas as imagens, ideias, características e princípios partilhados por uma determinada cultura são produto da influência do poder nesse plano cultural, temporal e geográfico. Em todas as sociedades, desde os primórdios do tempo até aos dias de hoje, existem posições de poder de um determinado grupo em relação a outro, o que conseqüentemente carrega em si um mais ou menos elevado nível de repressão, discriminação ou opressão.

Podemos, de facto, depreender que a cultura possui um papel fundamental na forma como agimos, comportamos e pensamos e é o suporte para toda a estrutura de pensamento de cada membro integrante da mesma. No entanto, não penso que a cultura seja justificação suficientemente plausível para ações repressivas perante seres humanos de culturas diferentes das nossas.

Na minha opinião, a informação, a tolerância e o respeito são os maiores pilares aquando da luta contra a repressão ou qualquer desigualdade presente nos dias de hoje. Temos, por isso, de perceber qualquer outra cultura como sua e não nossa, com os seus conhecimentos e os seus elementos característicos.

Com este trabalho creio que consegui atingir os objetivos a que me propus, uma vez que foi-me possível ter uma maior abrangência de diversas temáticas da unidade curricular, bem como a seu aprofundamento. Transpus os limites a nível de processo de investigação que possuía. Além disso, foi-

me possível ter uma percepção ainda mais sensível relativamente a diversos tópicos, principalmente depois de vários acontecimentos trágicos resultantes de ações e atos desumanos diante de outros seres humanos.

As limitações que pude constatar na execução deste trabalho foram a falta de informação sobre determinados aspetos que queria abordar, bem como a complexidade de composição estrutural do presente documento. Por outro lado, e no entanto, o progresso abismal no conhecimento de várias formas de comunicação intercultural fizeram que toda a sua realização fosse vista como um projeto bem-sucedido.

Remato, por fim, esta conclusão com uma citação feita por Anne Shirley na série *Anne With an E* – “*Tell me, and I Forget. Teach me, and I remember. Involve me, and I learn.*”

Referências Bibliográficas

Referências bibliográficas

1. Livros

- ARNOLD, Matthew. (1869). *Culture and Anarchy*. Londres: Cambridge University Press.
- BUCKNER, Phillip. (2008). *Canada and the British Empire*. Oxford University Press.
- CHAPMAN, Michael. EOYANG, Eugene. (2005). Amsterdão: Rodopi.
- COUTO, Mia. (2013). *E se o Obama fosse africano?* Editorial Caminho.
- FERREIRA, Virgílio. (1986) *Conta Corrente IV*. Bertrand Editora.
- HALL, Stuart. (1997). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Londres: Sage/Open University.
- HILLMER, Norman. MACINTYRE, W. David. (2007). *Commonwealth*. Canadian Encyclopedia: Historica Project.
- JOHNSON, Richard, (2006). *O que é, afinal, estudos culturais?* Autêntica Editora.
- MATTOS, Claudia. MARTINS, Eduardo. TACCA, Fernando. NETO, José. SQUEFF, Leticia. (2010). *O selvagem e o civilizado nas artes, fotografia e literatura do Brasil*. Centro de História da Arte e Arqueologia: IFCH Unicamp.
- MONTEGOMERY, L.M. (1908). *Anne of Green Gables*. Boston: L.C. Page.
- SARMENTO, Clara. (2015). *Estudos Interculturais Aplicados – Textos, Turismos e Tipologias*. Porto: Vida Económica.
- WILLIAMS, Raymond. (1958). *Culture is Ordinary*. Londres: Verso.
- WILLIAMS, Raymond. (1961). *The Long Revolution*. Londres: Chatto and Windus.

2. Documentos Audiovisuais

- BECKETT-WALLEY, Moira. (2017). *Anne With an E*. Canadá: Netflix.
- Unkown Author (Babelissima). (2015). *Intercultural Communication - the cultural ice berg and its limitations , navigating between cultures, two concepts of "free speech" and outlook on ICC*. Youtube Channel. <https://www.youtube.com/watch?v=SkBXaKfxl7Y&t=122s>
Acedido a 15 de abril de 2020.

3. Documentos Académicos

- BASTOS, Mónica. (2014). *A Competência de Comunicação Intercultural: olhares sobre a natureza do conceito e suas dinâmicas de desenvolvimento*. Cadernos do LALE – série de reflexões 6. Universidade de Aveiro, Aveiro: UA Editora.

NETO, Helena. BEZZI, Meri. (2008). *A Materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação*. Universidade Federal de Santa Maria.

4. Artigos consultados em websites

AIUB, Monica. (2016). “Entenda a estrutura do pensamento”. *Vya Estelar*.
<https://www.vyaestelar.com.br/post/4045/entenda-a-estrutura-do-pensamento>
Acedido a 20 de abril de 2020.

ANNE With an “E” Fandom. (2019). “Lute como uma garota! Lute como uma índia!” *Facebook*.
<https://www.facebook.com/AnneWithAnEFandom/posts/554528468449378>
Acedido a 7 de junho de 2020.

ANTONINI, Eliana. (2006). “Da cultura e das práticas significantes – A importância de uma visão semiótica da cultura para aos estudos da comunicação.” *Eu sou Famecos*.
<http://portal.eusoufamecos.net/da-cultura-e-das-praticas-significantes-a-importancia-de-uma-visao-semiotica-da-cultura-para-aos-estudos-em-comunicacao/>
Acedido a 28 de abril de 2020.

BOOKS, CBC. (2017). “75 facts you might not know about Anne of Green Gables and author Lucy Maud Montgomery.” *CBC*.
<https://www.cbc.ca/books/75-facts-you-might-not-know-about-anne-of-green-gables-and-author-lucy-maud-montgomery-1.4084431>
Acedido a 8 de junho de 2020.

BRAINLY. (2013). “O que são códigos culturais?” *Brainly*.
<https://brainly.com.br/tarefa/67872>
Acedido a 28 de abril de 2020.

BRANT, Leonardo. (2009). “Cultura e as relações de poder.” *Cultura e Mercado*.
<https://www.culturaemercado.com.br/site/cultura-e-as-relacoes-de-poder/>
Acedido a 26 de maio de 2020.

BRANT, Leonardo. (2012). “Cultura é poder.” *Cultura e Mercado*.
<https://www.culturaemercado.com.br/site/cultura-e-poder-2/>
Acedido a 25 de maio de 2020.

CARNEIRO, Raquel (2020). “Última temporada de “Anne With an E” expõe preconceitos contra indígenas.” *Veja Abril*.
<https://veja.abril.com.br/blog/veja-recomenda/ultima-temporada-de-anne-with-an-e-expoe-preconceitos-contraindigenas/>
Acedido a 4 de junho de 2020.

DIANA, Daniela. (s.d.) “O que é a Cultura?” *TodaMatéria*.
<https://www.todamateria.com.br/o-que-e-cultura/>
Acedido a 19 de abril de 2020.

DIANA, Daniela. (s.d.) “Cultura Erudita.” *TodaMatéria*.
<https://www.todamateria.com.br/cultura-erudita/>
Acedido a 19 de abril de 2020.

FATO, Redação. (2020). “Dica de série: Anne With an E.” *Jornal Fato*.
<https://www.jornalfato.com.br/geral/dica-de-serie-anne-with-an-e-anne-com-e-em-portugues,353186.jhtml>
Acedido a 4 de junho de 2020.

- GERALDINE, Jeniffer. (2017). “A sabedoria e sensibilidade de Anne With an E.” *JG*.
<http://jeniffergeraldine.com/a-sabedoria-e-sensibilidade-de-anne-with-an-e/>
Acedido a 14 de abril de 2020.
- GILBERT, Sophie. (2017) “Anne With an E is the best kind of adaptation.” *The Atlantic*.
<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2017/05/anne-with-an-e-netflix-review/525987/>
Acedido a 15 de abril de 2020.
- GRETZITZ, João. (2016). “Código Cultural – Visão e Valores (versão em português). *SlideShare*.
<https://pt.slideshare.net/JooGretzitz/cdigo-cultural-traduo-portugus>
Acedido a 1 de maio de 2020.
- INFOPÉDIA. (2020). “Interculturalidade.” *Infopédia*.
[https://www.infopedia.pt/\\$interculturalidade](https://www.infopedia.pt/$interculturalidade)
Acedido a 23 de abril de 2020.
- MARA, Leina. (2020). “Anne With an E: curiosidades sobre a série que conquistou o mundo.” *Acesso Cultural*.
<https://acessocultural.com.br/2020/01/anne-with-an-e-curiosidades-sobre-a-serie-que-conquistou-o-mundo/>
Acedido a 14 de abril de 2020.
- MORAZZI, Luciane. (2013). “Códigos Culturais – Por onde começam as análises.” *Lu Morazzi Blogspot*.
<http://lumorazzi.blogspot.com/2013/08/codigos-culturais-por-onde-comecam-as.html>
Acedido a 1 de maio de 2020.
- OLIVEIRA, Tainara. (2018). “Como nasce uma Estrutura de Pensamento?” *Filosofia Clínica*.
<https://www.filosofiaclinicaflorianopolis.com/como-nasce-uma-estrutura-de-pensamento/>
Acedido a 20 de abril de 2020.
- PIONEIRO. (2017). “Série da semana: Assista “Anne With an E.” *Pioneiro*.
<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/11/serie-da-semana-assista-anne-with-an-e-10012181.html>
Acedido a 3 de junho de 2020.
- RIO, Vivian. LEITE, Rosângela. (s.d.) “Comunicação Intercultural.” *CPDEC*.
<http://cpdec.com.br/comunicacao-intercultural/>
Acedido a 23 de abril de 2020.
- ROGERS, Katie. (2016). “Oh, Gilbert! ‘Anne of Green Gables’ Is Coming to Netflix.” *New York Times*
https://www.nytimes.com/2016/08/23/arts/television/oh-gilbert-anne-of-green-gables-is-coming-to-netflix.html?_r=0
Acedido a 20 de abril de 2020.
- RODRIGUES, Thaís. (2013). “Signos| Semiótica: símbolo, índice e ícone.” *Slideshare*
<https://pt.slideshare.net/taarodrigues/signos-semiotica-smbolo-ndice-e-cone>
Acedido a 29 de abril de 2020.
- RUBIN, K.H. MENZER, M. (2010). “Contexto cultural e desenvolvimento social.” *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância*.
<http://www.encyclopedia-crianca.com/cultura/segundo-especialistas/contexto-cultural-e-desenvolvimento-social>
Acedido a 23 de abril de 2020.
- SOUSA, Camila. (2018). “Anne With an E – 1ª temporada| Crítica. *Omelete*.
<https://www.omelete.com.br/series-tv/criticas/anne-with-an-e-1a-temporada-critica>
Acedido a 27 de abril de 2020.

TAISE, Nathália. (2018). “Por que o mundo precisa de conhecer a história de Anne Shirley?” *Fala Universidades*.

<https://falauniversidades.com.br/critica-resenha-resumo-anne-with-an-e/>

Acedido a 15 de abril de 2020.

WIKIPEDIA. (2020). “Línguas Orientais de Algonquian.” *Wikipedia*

https://pt.qwe.wiki/wiki/Eastern_Algonquian_languages

Acedido a 30 de maio de 2020.

WIKIPEDIA. (2019). “Mi’kmaq.” *Wikipedia*

<https://pt.qwe.wiki/wiki/Mi%EA%9E%8Ckmaq>

Acedido a 30 de maio de 2020.

